

O Potiguar

Ano IV

Nº 24

Junho/Julho 2001

Distribuição Gratuita





ICARITAS

Mossoró-RN, 29 de maio de 2001

Ilmo. Sr. Diretor
João Gothardo D. Emerenciano

Prezado Senhor,

Por gentileza do Jornalista Sr. Geraldo Maia aqui de Mossoró, recebi um exemplar deste maravilhoso jornal "O Potiguar", de cunho cultural,

de nº 23 referente a março/abril de 2001.

Quero acima de tudo parabenizá-los pela excelente produção do dito jornal, do qual todos os artigos e poemas muito me sensibilizaram.

Outrossim, gostaria se possível for, ficar recebendo futuros exemplares, ao qual vão muito me auxiliarem em minhas pesquisas, pois já que sou um pesquisador das coisas do RN,

com vários trabalhos já publicados pela coleção Mossoroense, entre plaquetes e alguns trabalhos sobre o Cangaço em nossa região, como também poesias e personalidades que contribuíram para a nossa história.

Sem mais para o momento, com um forte abraço, na esperança de que seja atendido.

Antonio Filemon Rodrigues Pimenta



COLEÇÃO PROFESSOR ZUZA

Dantas Emerenciano, e pelo publister Antônio Mariano da Silva, da Gráfica Nordeste, que preparam edição comemorativa da plaquete "Sátiras e Epigramas de Zé Areia", originalmente publicada pelo folclorista Veríssimo de Melo.

Com o convite para escrever o prefácio dessa quarta edição, mergulhamos na vida de Zé Areia, topando, de imediato, com a emergência e alienação do operariado e das populações marginalizadas do Brasil, na primeira metade do século 20, quando o país se maldizia por ser uma nação essencialmente agrícola.

Acompanhando a trajetória de Zé Areia, podemos observar de perto os contrastes e dilemas que marcam o maior e mais rico país da América Latina, o Brasil, no momento mesmo em que cai, com todo o seu potencial de

"país do futuro", na esfera de influência norte-americana, cujos frutos estamos colhendo agora, com os apagões e privatizações desmoralizantes, na onda do neoliberalismo.

Gothardo e Mariano fazem o resgate das edições já esgotadas das sátiras e epigramas do mais criativo e inesquecível clown potiguar, um *outside* de primeira hora e grandeza, que coloca o Brasil e o Rio Grande do Norte diante o espelho, sem poder fugir, com subterfúgios, de todas as suas mazelas. Os dois editores retiram Zé Areia da redoma em que estava enclausurado e congelado e o trazem à cena, em companhia das personalidades e figuras mais representativas da primeira metade do século passado.

Paulo Augusto

O barbeiro potiguar José Antônio Areias Filho (1900-1972), o canguleiro que se imortalizou simplesmente como Zé Areia, um Zé Ninguém típico, na expressão brechtiana, do nordeste brasileiro, será homenageado nos 500 anos do Rio Grande do Norte pelo editor do jornal "O Potiguar", João Gothardo

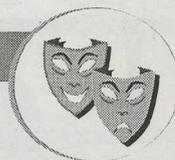
EXPEDIENTE

Diretor	Programação Visual
-João Gothardo D. Emerenciano	-J. M. Vieira
Editor	Capa
-Moura Neto	-J. M. Vieira
Revisão	Gerente Comercial
-João Gothardo D. Emerenciano	-Carlos Frederico Câmara
-Giuliano Emerenciano Ginani	Impressão
	-Gráfica Nordeste

O Potiguar

Avenida Prudente de Moraes, 625-Tirol-Natal/RN-CEP:59 020-400

Núcleo Cultural



Augusto Maranhão

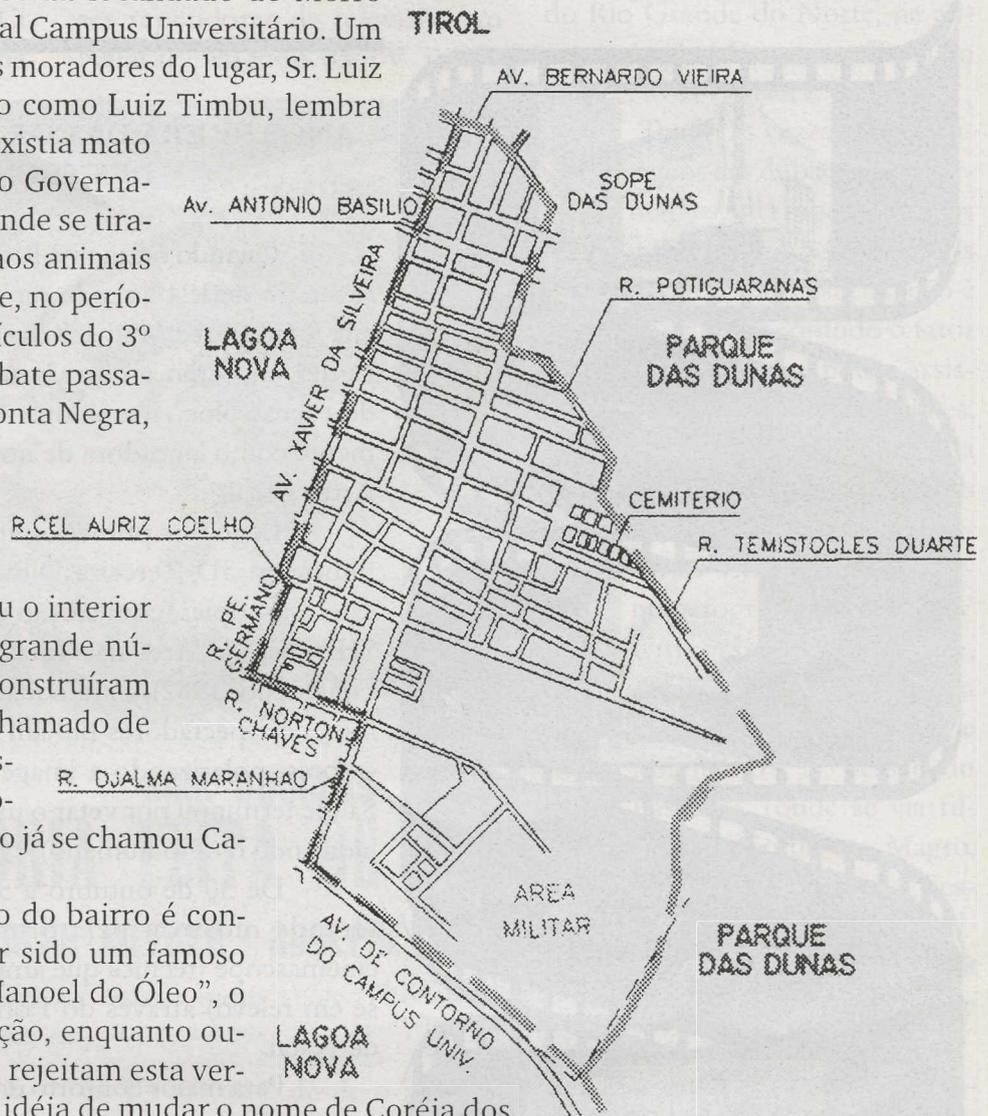
Nova Descoberta



atual bairro de Nova Descoberta compreendia uma área de terras pertencentes à viúva Machado, que ia da localidade de Morro Branco até o atual Campus Universitário. Um dos mais antigos moradores do lugar, Sr. Luiz Ferreira da Silva, conhecido como Luiz Timbu, lembra que anterior a 1940, ali só existia mato e um moinho instalado pelo Governador Alberto Maranhão, de onde se tirava água para dar de beber aos animais das redondezas. Segundo ele, no período da II Guerra Mundial, veículos do 3º Batalhão de Carros de Combate passavam por ali com destino a Ponta Negra, destruindo cercas e lavou-ras, o que facilitou a invasão das terras fugindo ao controle da proprietária. Em 1953, quando a seca assolou o interior do Estado, o local recebeu grande número de retirantes que ali construíram suas casas, passando a ser chamado de Coréia dos Índios ou simplesmente Coréia. Segundo moradores mais antigos, o bairro já se chamou Capim Macio e Mundo Novo.

A atual denominação do bairro é controvertida. Uns afirmam ter sido um famoso seresteiro da localidade, "Manoel do Óleo", o responsável pela denominação, enquanto outros, como o Sr. Luiz Timbu, rejeitam esta versão. Ele assegura que teve a idéia de mudar o nome de Coréia dos Índios para Nova Descoberta, já que, segundo afirma "o bairro tinha sido uma grande descoberta", para os miseráveis da seca que ali se alojaram em 1953. (Tribuna do Norte, de 28.06.1992).

Nova Descoberta foi oficializado como bairro quando da definição de seus limites pela Lei n.º 4.328, de 05 de abril de 1993, publicada no Diário Oficial em 07 de setembro de 1994.



Paulo Venturele de Paiva Castro

CURSOS DE EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE POTIGUAR

NAS ÁREAS DE:

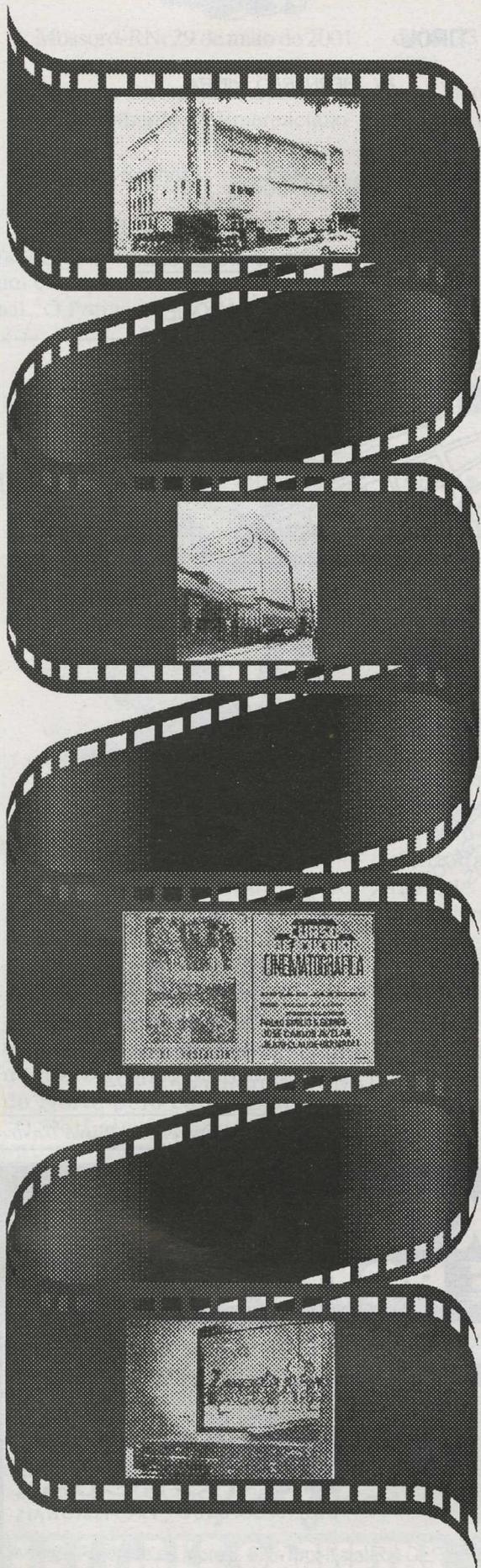
- INFORMÁTICA, ENGENHARIA E ARQUITETURA
- GESTÃO DE NEGÓCIOS
- SAÚDE
- ARTES, EDUCAÇÃO E LÍNGUAS

UP UNIVERSIDADE POTIGUAR
DESENVOLVENDO PROFISSIONAIS

DISQUE EXTENSÃO 215.1104

Revendo o século XX cinematográfico no RN

2ª Parte



ANOS 50: ERA DA COR E DE OUTRAS NOVIDADES TECNOLÓGICAS

Quando o Cinema Rio Grande foi inaugurado, a 11 de fevereiro de 1949, sendo mostrado aos espectadores o filme em technicolor “Minha Rosa Silvestre”, dirigido por David Butler, era como as cores bonitas anunciando que a nova casa de espetáculos cinematográficos iria se caracterizar inicialmente como lançadora de novidades tecnológicas da Sétima Arte.

Logo nos primeiros anos da década 50 lançou alguns filmes em 3D, Terceira Dimensão, “processo de fotografia esteresoscópica, com adição de lentes polaróides” (V. o livro “História da Arte das Imagens”, de Laércio Marinho de Figueiredo, 1982). Para conseguir ver as imagens destes filmes, os espectadores tinham que usar óculos com lentes bicolors, polarizando a imagem (a Organização Mundial de Saúde terminou por vetar o uso deste processo por estar prejudicando o olho humano).

De 30 de outubro a 5 de novembro de 1955, o Rio Grande mostrou pela primeira vez aos natalenses em cinemascopo (técnica que amplia a imagem, tornando-a quase em relevo) através do Primeiro Festival de Cinemascopo de Natal.

Para maior conforto do espectador, utilizando moderna tecnologia, quem deu contribuição em Natal foi o Cinema Nordeste, primeiro cinema de Natal a usar ar condicionado, e que foi inaugurado a 20 dezembro de 1958.

ANOS 60: EDUCANDO PARA SE VER (E FAZER) FILMES DE ARTE

No papel, oficialmente, já se tentara algo nos anos 30. Em junho de 1935, através do Decreto n.º 868, o Interventor Federal no RN, Mário Câmara, criara o Cinema Educativo, que visava mostrar nas escolas primárias e secundárias do Estado, filmes cujos temas tivessem “sempre em vista o gosto pelas belas artes, pelos assuntos literários e científicos, o progresso cultural do País, a educação cívica, etc.”

Mas quem iria gerenciar o Cinema Educativo seriam burocratas. E burocratas não tem sensibilidade para cinema de qualidade. Falhou o projeto do Interventor. Pô-lo em prática seria coisa de cineclubistas, gente que gosta muito de

cinema. O cineclubismo é uma idéia excelente para criar no espectador a opção consciente pelo bom cinema. No Rio Grande do Norte, a primeira entidade do tipo cineclubismo foi o Clube de Cinema, que alguns estudantes criaram por volta de 1956, e que durante alguns anos promoveu as Semanas do Cinema Brasileiro, mostrando nas casas exibidoras documentários do Instituto Nacional do Cinema Educativo. O Cine Clube de Natal, fundado por Aldo Medeiros a 13 de março de 1958, se caracterizou por divulgar algumas vezes, em sessões privadas ou em entidades públicas, sua coleção de clássicos do cinema mudo americano. O Cine-Clube Tirol foi fundado a 2 de julho de 1961, em Natal, tendo Gilberto Gomes Stabili como primeiro Presidente. A 16 de fevereiro de 1963, no Cinema Rex, inaugurou o Cinema de Arte, mostrando o filme "Glória Feita de Sangue", de Stanley Kubrick. Em 1966, os jovens do Cine-Clube Tirol realizaram uma série de filmes, na metragem 8 m.

ANOS 70: A TV FAZ O ESPECTADOR VER FILMES EM CASA

Embora já existissem torres repetidoras de televisão em Natal (repetidoras da TV Tupi e

sitária foi inaugurada a 5 de dezembro de 1972, fruto de convênio entre o Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE), o Governo do Estado e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na administração do reitor Genário Alves Fonseca.

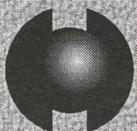
Tendo as vezes as desvantagens das dublagens, das irritantes interrupções para os intervalos comerciais, e dos barulhos domésticos, não é de se negar contudo o fator positivo que é poder assistir pela televisão bons filmes, por vezes alguns clássicos da História da Sétima Arte. Sob este aspecto, merecem registro as séries de sessões cinematográficas que a TV Universitária manteve, apresentando filmes. Tinha "Sessão Especial", o "Cine Milionário", a "Sessão do Pastelão" (onde se via filmes do Gordo e o Magro, Buster Keaton etc.), "Sessão Macunaíma" (bons filmes brasileiros, comentados por um crítico natalense após a exibição do filme).

Com a TV, ainda na década 70 chegou a Natal o videocassete. Com TV por assinatura e computador, atualmente, novas formas de ver filmes em casa.

Anchieta Fernandes



da TV Globo), desde o começo dos anos 60, a primeira estação local foi a TV Universitária, ocupando o Canal 5, e que foi criada pela Resolução n.º 16/71-U, do Conselho Universitário, datada de 4 de maio de 1971. A TV Univer-



HIPÓCRATES
REDE DE ENSINO

Ensino Fundamental
Ensino Médio
Cursinho Pré-Vestibular
"A equipe que mais aprova"
Educação Infantil
Supletivo

UNIDADES NATAL

CENTRO
R. Jundiá, 421 - Centro
Tel.: (0**84)222-4367

ZONA SUL
Av. Alam. das Mansões, S/N - Candelária
Tel.: (0**84)206-7729

ZONA NORTE
Av. Paulista, 1897 - Panatis
Tel.: (0**84)214-2947

PONTA NEGRA
R. Profa. Dirce Coutinho, 1989 - Capim Macio
Acesso pela Av. Eng. Roberto Freire, por trás do Restaurante Tábua de Carne
Tel.: (0**84)642-1490

CIDADE VERDE
R. Cap. Heraldo Cunha, S/N - Cid. Verde
Nova Parnamirim - Tel.: (0**84)608-0641

UNIDADES JOÃO PESSOA

MIRAMAR
Av. Pte. Epitácio Pessoa, 3955 - Miramar
Tel.: (0**83)247-2294

BESSA
R. José Ferreira Nunes, S/N - Bessa
Tel.: (0**83)246-1811

LUNA
R. Casimiro de Abreu, 50 - Jardim Luna
Tel.: (0**83)244-2519

UNIDADE CAMPINA GRANDE

HIPÓCRATES
Pça. Antonio Pessoa, 111-A
Tel.: (0**83)322-7951

Luiz Carlos procurando

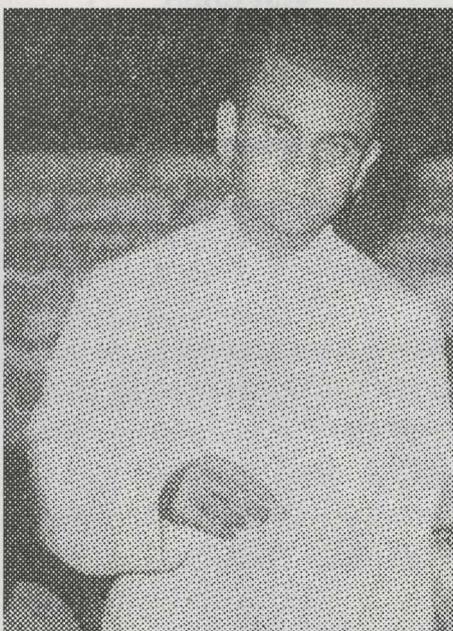
Trinta ou quarenta anos atrás. Encontro-me com Luiz Carlos à porta de um prédio velho, pedaço de rua velho, respeitado como sempre como rua e ele como poeta, antes de tudo. Está, por casualidade, com uma folha de papel à mão. Saúda-me e pergunta:

-Diga aí, esse menino. Mas, que bom encontrar você, colega. Me diz uma coisa: cê acha que esse poema vale alguma coisa? Tá aqui. E nessa passagem. Quando falo que "a vida vai nutrindo os dias que não voltam e a volta vai ficando cada vez mais desnutrida". Que que cê acha disso?

-Bom, vindo de sua parte, acho que sabe o que diz. Diria está razoável. Agora, depende do como quer encaixar a poesia. Aqui nessa estrofe? Hum! Aqui? Deixe-me ver.

-Eu tava chateado, rapaz, matutando, pensando numa palavra que saísse do tom e que entrasse no tom desse poema, e ela não vinha e não vem. E assim sendo, vou modificar o poema. Ou a poesia toda. Olhe aqui como já risquei. E olhe que essa é a segunda folha de papel que rasgo. Mas, agora, batido à máquina e com cheiro bom de terra, lá de nossas bandas, eu fico assim, meio sem jeito. Cê acha o que?

-Bom, em principio acho que



você é um ardiloso e caminha no bom caminho. Tem tudo para aparecer lá em cima. Eu é que não tenho jeito. Como Azevedo sou meio fechado.

-Mas, por que diz isso? Eu também sou Azevedo. Só num aparecer no nome. Cê tem o que presta, rapaz. Agora, cê tá escrevendo pouco nos jornais. E livros, eu ignoro todos. Aí é dura verdade. Porque cê veja, eu já publiquei dois, e vou em marcha batida para publicar outros. Tenho encontrado tempo nos estudos, na magistratura, na faculdade e vou indo. Cê já se formou?

-Tou pensando. Cê acha que precisa se formar para se ser poeta ou escritor?

-Bem. Precisar não precisa,

não, esse menino. Mas, é sempre bom, né? A gente aprende mais outras coisas, além das que, naturalmente, a gente já sabe. Conhece outros amigos, e esses amigos nos empurram pra caminhos novos, e esses caminhos novos nos levam até onde já estou. Por que não vem comigo?

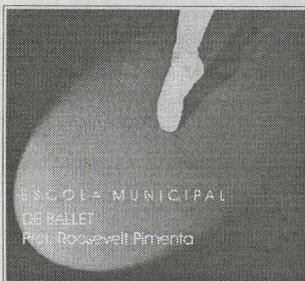
-Tou indo. Mas, voltando aí ao poema, cê acha que tá bom, mesmo?

-Que poema? Sim, o meu? Esse aqui? Isso perguntava eu. E, acho que vai prestar. Agora, ainda acho que tá faltando alguma coisa aqui no meio. Cê filosofar sobre a vida, e peia! E a gente num sabe! Mas, acho que encontro. Por exemplo aqui.. .Aqui nessa passagem, cê acha que tá bom? Cê tem um olho clínico bom, eu sei disso, mas não vejo suas poesias e nunca mais soube de contos nem de crônicas. Cê acha que as coisas caem do céu?

-Acho. Como sobem. Um dia, nós dois iremos subir aos céus. E você estará sentado à direita do Deus Pai Todo Poderoso e eu vou chegar, esfuziante, e perguntar: "Luís, diga ai rapaz! Achou aquela palavra que tava procurando?"

-E já vi que pra você num tem jeito, não. Mas, olhe aí, sempre. Vê se acha o arranjo que falta...

Afranio Pires Lemos



O corpo de Ballet de Natal participará do XXVI Festival de Inverno de Campina Grande

A Companhia de Ballet do Município de Natal vai participar do XXVI Festival de Inverno de Campina Grande, no período de 13 a 17 de agosto com a apresentação da coreografia "Desgarrados" do coreógrafo paulista Mário Nascimento e música de Mestre Ambrósio. Dando início a temporada 2001, o Corpo de Ballet participou, no mês passado, do VI Festival de Dança do Recife, apresentando a nova coreografia, onde recebeu elogios dos críticos em dança pela apresentação feita.

As aulas do curso de ballet iniciarão no dia 30 de julho e ainda dispõe de vagas para alunos de 06 anos de idade. Outras informações com o coordenador da Escola de Ballet Rossevelt Pimenta através dos telefones: 232-4952 ou 232-4949.



BALBUCIO

A Luís Carlos Guimarães

A indesejada chegou sem culpa e sem máscaras
- desvãos da tragédia e da comédia.
Sobretudo o drama de um grito preso na garganta
Sufocado pela perda/ausência do polipoeta
imortal.

Eis que do assombro desabrocham ternuras
Em tempos de agudas barbáries.
O ágora palco agora está vazio
E seu último herói consulta o Oráculo.

Para além da platéia riso-pranto,
Há apenas o espanto da dor silente
E um cristal de lisérgico absinto
Trazendo conforto e inspiração.

Ousaram os implacáveis deuses
Promover um banquete no Olimpo
Precipitando o inexorável destino
Do homem-poesia no ponto de fuga.

Paulo Jorge Dumaresq

Alice Spíndola

RÉQUIEM PARA UM POETA

... Para não perder o rumo das estrelas ...
(...) guarda no olhar o fogo da vigília.

Luís Carlos Guimarães

Amigo, Bardo do Barro Vermelho,
de repente, é outra a direção de tua luz.

Com tristes asas, a cidade do Natal
descobre a falta, sussurra e traduz,
e chora a ausência de mais um mito.

Não há como costurar as lágrimas!
Fios do silêncio
conduzem a saudade
que se esconde no albergue da ternura,
mas a cada aceno da dor,
até a lágrima do poema grita
para que o vento pare de pentear
o gemido sentido das lembranças.

Na gênese de outros tantos amanheceres,
lá do céu, exercerás com mais paixão
o ofício de construtor da Poesia,
na Profecia de um elo
que nunca será quebrado:
entre nós, o teu olhar
guarda o fogo da vigília
e jamais perderá o rumo da tua estrela.

Tua estrela, *Pastora e Arco-íris*,
segue-nos na trilha de teu exemplo.

Que saudade sem fim, ó, amigo,
ó, Poeta Luís Carlos Guimarães,
se armazena no holofote de tua candura,
nos riscos do silêncio que permeiam
sílabas e sons do teu riso e da tua fala
ao adentrarmos a redação de O GALO!

Ah, AMIGO, que falta!
Que saudade imensa! Ah, nem fale...

UNATI

UNIVERSIDADE ABERTA PARA A TERCEIRA IDADE

CURSOS DE:

LÍNGUAS ESTRANGEIRAS, INFORMÁTICA,
VIVÊNCIAS CORPORAIS, ARTES,
CULTURA E ARTESANATO

UP UNIVERSIDADE
POTIGUAR
DESENVOLVENDO PROFISSIONAIS

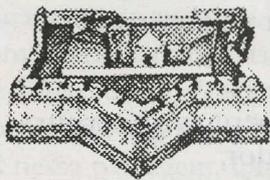
Maiores informações: **215-1105**

Vida Potiguar

(Primeiro capítulo de um livro que o autor não escreveu por inútil)

O que o estrangeiro não vê. — A Cidade. — O essencialmente agrícola. — A falta de iniciativa. — O título de eleitor. — As classes. — Os transeuntes. — O empregado público. — As repartições. — Federal e estadual. — O prestígio do estrangeiro. — A fala atravessada. — A flor dos costumes.

2ª PARTE



O empregado público é um sujeito que pode ser atencioso em sua casa, obsequioso até, como os outros patrícios; mas, entrando na repartição respectiva, só conhece o colega e recebe de sobrolho carregado ou de lábio franzido, conforme o gênio, a todo aquele, que precisa penetrar nos santuários augustos do papelório e tratar um assunto qualquer com algum dos seus sagrados levitas.

Esses veneráveis sacerdotes, sentados à competente banca — quais pontífices ante sacratíssimas aras — refletindo, após o sacrifício solene, nos profundos mistérios do Altíssimo (às vezes é sobre a hora em que se fechará a repartição, o que haverá em casa para o jantar, ou como diabo farão as suas arrumações com o magro ordenado no princípio do mês próximo) recebem a infeliz *parte* que tem negócios a tratar com o mau humor próprio de todo aquele que, tendo o pensamento abismado em reflexões transcendentes sobre a contingência das coisas humanas, ou sobre as condições altamente *bicudas* em que hoje acham-se as divinas, vê-se de repente chamado a baixar a reles realidade de um despacho ou

de uma certidão *verbo ad verbum*.

Outros há, de índole menos contemplativa, que rabiscando arabescos no alçaço da repartição, saboreando a leitura espantosamente instrutiva de um Eschich ou de um Montépin, ou simplesmente escrevendo à menina um bilheteinho doce, fazem rapidamente desaparecer, ao aproximar-se a parte, todos esses indícios de humanidade vulgar e, com a pena presa à orelha ou aos dentes, abrindo grossos livros aparatosamente colocados ao alcance da mão, mergulham convencidamente, como marrecas perseguidas, nas incomensuráveis profundezas de um trabalho absorvente, que não é fácil fazê-los deixar para atenderem ao perturbador daquelas tão doces ocupações.

Quando estão sós, livres de partes e da presença, nem sempre muito agradável, do chefe, o caso muda de figura. *Arma-se a prosa* com a mesma sem cerimônia de uma calçada ou de um fundo de bodega, de cigarro entre o indicador e o médio ou entre aquele e o polegar (é conforme) e analisam-se fatos ou indivíduos, comentam-se sucessos, fazem-se conjecturas, aventam-se hipóteses, elaboram-se planos, planta-se a semente fecunda do boato — enquanto as moscas pousam sobre os grossos livros aparatosos e sobe ao teto em variadas espirais o fumo partido dos cigarros.

Às duas ou às três da tarde, fechada a repartição, e quando ele, aceso novo cigarro e aberto o chapéu de sol indispensável — pois que é mais fácil a um burguês de cidade pequena não ter o que comer do que faltar-lhe o indefectível traste com que anda até à noite, — quando depois de ter fumado uma dúzia de cigarros, rabiscado algumas folhas de alçaço com exercícios caligráficos, palavras simpáticas, e nomes, entre os quais o seu avulta infinitamente; depois de ter bocejado, dito mal do próximo, principalmente dos amigos, aborrecido duas ou três pobres partes que por ventura apareceram e terão de voltar no dia seguinte; depois de ter enfim preenchido as horas regimentais do serviço público, com grande proveito da União ou do Estado e seu próprio; o empregado que dirige-se ao jantar, com escala, às vezes, pelo cálice de *conhaque* ou de *vermute*, torna-se de novo o circunspecto e altivo transeunte de que falei.

É de ver-se especialmente a *fumaça* do federal, até dos que são demissíveis ad libitum. Para esses, como para muita gente, o federal é uma espécie superior, distando mais ou menos tanto do estadual quanto o homem dos antropomorfos mais elevados, e nesta terra onde o exotismo é tudo, onde o estrangeiro tem pancada de armas (falarei sobre o capítulo), o federal considera-se e é também

considerado um pouco exótico, — superior, portanto.

Entre o amigo em uma repartição federal e, a não ser que seja um dos escolhidos a quem eles, por condescendência inapreciável e rara, distinguem com a sua amizade protetora, verá.

Começa por não darem-lhe atenção; tanto faz que vossa mercê entre ali como mais uma das moscas que pousam sobre os livros aparatosos; e se não tiver um conhecido que o proteja, ou não souber manobrar de modo a deixar bem patente que curva-se com humildade ante a independência e a majestade augusta do federal, que confessa-se um mendigo a implorar, como favor imerecido e imenso que dêem-lhe atenção, correrá sérios riscos de só obter, com muita demora e infinitas protelações, depois de passar por muitos aborrecimentos e suportar muita malcriação, aquilo a que a lei lhe dá direito e que, em virtude da mesma lei, o dito federal é obrigado a fazer.

Parece escusado estar repetindo que há exceções, como em todas as regras; o comum, o geral é que é isso.

Empregados há, máxime entre os estaduais, a quem não se afigura incompatível a altivez natural em todo homem e nem até mais alguma que julguem-se com direito de ostentar em virtude das funções que exercem, com a urbanidade e cortezia que impõem-lhes tanto o mais velho dos códigos do bom tom, como quaisquer dos regulamentos que prescrevem-lhes os deveres funcionais.

Mas o federal, apesar da sua elevação, não é quem maior soma de prestígio goza na terra de Miguelinho. É o estrangeiro.

Cuido às vezes, ao procurar as causas, tão obscuras quanto formidáveis, dessa distinta consideração que cerca o *marinheiro*, nas injustíssimas acusações de bairrista que fazem ao potiguar.

Bairrista! Mil vezes, não! Por índole, por educação ou pelo que for, não há alguém mais apreciador do que é *de fora*, pessoa ou coisa, e, como conseqüência (?) mais depreciador do que é da terra, que ele.

Basta que o sujeito não tenha aberto os olhos à luz tão pura e tão forte do céu indígena, basta que tenha lhe chegado aqui a bordo de qualquer costeiro ou de qualquer Lloyd, para que seja talentoso, ilustrado, ou... rico.

Com uma excessiva desconfiança de si próprio, que parece, ser também um dos elementos do seu caráter, o potiguar é propenso a considerar irresistivelmente o estrangeiro, o desconhecido como superior, como capaz, e respeitá-o pelo menos enquanto não convence-se de que o tal estrangeiro é igual ou inferior a si.

E, se além de ter vindo em algum dos mencionados veículos, se além de chegar todo *emproado* e olhando por cima do ombro desdenhosamente levantado, se além de ser malcriado, o sujeito fala *atravessado*, então, nem digo nada a vossas mercês; ele é tudo, fará o que quiser e tudo que fizer será olhado como o supra-sumo da distinção, da elegância, do saber ou da força.

Bife, galego ou carcamano, o principal é falar *atravessado*.

Seja mal educado, não ceda o passo a ninguém, nem ainda a uma senhora, entre no va-

gão da estrada de ferro pisando duro, aos berros, sem cumprimentar, ocupe dois ou três lugares com a mala de mão ou o guarda-chuva, estire as pernas, arrume os pés sobre o banco próximo, faça enfim o que vier-lhe às ventas, sem procurar saber se incomoda o vizinho com os ditos pés, ou a vizinha com o fumo do cigarro ou do charuto que traz, e será olhado com respeito e admiração.

Depois de tantas provas da superior educação dos grandes centros, se até falar *atravessado* e por monossílabos — *ob, yes, all right, goddam, etc...* pode dizer que está em sua casa, *at home*, e que nada faltar-lhe-a, nem as atenções, nem os serviços.

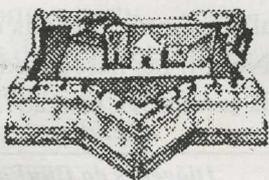
Para prova basta ver como os *esnobes* da elegância e da alta roda indígena procuram imitar esses modos. Para nós, ordinariamente, o sujeito que pretende mostrar uns tantos sinais de boa educação e de gentileza ou é ridicularizado ou, como ficou dito, chamado *adulador*.

O *fino*-entende-se principalmente com a parte jovem da sociedade indígena, a quem maiormente cabem essas carapuças — é não cumprimentar, é soltar grossas baforadas de fumo ordinário sem reparar que há senhoras próximas, é escarnecer, é fazer pouco caso, em suma.

Se um indivíduo que encontram ocupa alta posição na sociedade, se é uma autoridade, é indispensável afetar pouco caso, nenhum respeito, para ficar bem patente, bem claro, que “não têm medo dele”, que “é um homem como os outros”...

Policarpo Feitosa

Extraído da Revista do Rio Grande do Norte, N° 5, Agosto/1898



Som das palavras



Deputado Nelson Freire com forte visão econômica, inclusive assim reconhecido quando do exercício das funções de Secretário de Estado, não se afasta da boa música, compondo sempre. Em variedade rítmicas expressa suas emoções e sentimentos. Com suavidade, compõe melodias memoráveis. Não pode ser feliz a pessoa que não gosta de música. O nosso povo gosta. Afasta o viver duro cotidiano. Entra em harmonia. Com a variação de altura e intensidade dos sons, o povo vive.

Este livro é prova de que Nelson Freire é também poeta. Para mim não é novidade. Já tive até o privilégio de ser seu parceiro em música, “De Repente”. (Nelson é no Rio Grande do Norte o que o meu primo Ronaldo Cunha Lima, meu irmão em emoção e poesia, é na Paraíba). Um político que vive a poesia e a música, quotidianamente. Nelson sabe os mistérios do violão e, cantado, ganha admiradores. E votos.

Não é fácil ser político no Rio Grande do Norte. Mais difícil ainda é ser político, poeta e músico. Mas, o que se há de fazer quando a vocação é para o ritmo? Quando se é como um pássaro? Quando os temas de amor somente são ultrapassados pelo amor da terra comum?

Nelson, com o seu sorriso largo, nasceu para expressar idéias através da palavra. Conhece a linguagem dos sons, a música, o tirar das palavras o som mais agradável. A palavra ensina ao homem a ciência, a arte, a se comunicar para viver melhor. A palavra também se transforma em ritmo e melodia. Som das Palavras é livro que, bem lido, o leitor encontra a música jacente.

Veríssimo de Melo me ensinou que a música não envelhece, quem



envelhece é o arranjo. Nelson está sempre fazendo arranjos para músicas antigas, mostrando a sua atualidade e encantamento.

Aqui estão os versos cantados, aqueles da sua e nossa predileção, que mereceram o prestígio e o aplauso dos ouvintes. A letra da música, a poesia. Digo sempre que toda música tem uma letra íntima, viva, escondida. O que o bom letrista faz é puxá-la pelas orelhas, revelar a letra subjacente, a combinação dos sons vocálicos com os sons instrumentais. Sei, de ciência própria, que muitas vezes a melo-

dia surge em nossa cabeça quase como um espírito em sessão. Outras vezes, surge com a letra. A letra poderá ser musicada. Nelson é mestre de todas as formas.

A música e a letra do autor são testemunho do que ele é: o solidário, o amigo do peito. O que ele faz todo dia, que passou a ser patrimônio do nosso ouvido e emoção, é o preconizado no “Manhã de Carnaval” de Antônio Maria e Luís Bonfá. Nelson faz nascer todo dia: “Na vida uma nova canção”.

Depoimentos

Nelson Freira tem no olho a sensibilidade dos que sabem olhar, e anotar, o que há de mais rico na vida da sua cidade e do seu estado. Um olhar quase etnográfico e antropológico, registrando com inspiração poética e musical os hábitos e costumes, valores e tradições. São poemas indispensáveis à compreensão do que somos. Imagens poéticas que Natal sabe ler.

Vicente Serejo (Jornalista e Escritor)

Som das Palavras é um livro de poemas sussurrados, murmurados, poemas que possuem a doçura de ondas mansas depositando sua espuma em praias verdejantes. Os versos e a música de Nelson Freire tem a leveza e o vigor gentil dos alísios que acariciam Natal, sua cidade amada e cantada.

Valério Mesquita (Deputado e Escritor)

Nelson Freire é o cão chupando manga. Para quem teve o privilégio de produzir o seu primeiro disco, descobrindo canções maravilho-

sas numa fita vagabunda, eis que mais uma vez ele me surpreende. Com seu Som das Palavras, onde corta o Rio Grande do Norte ao meio com suas terras, seu povo e cidades, e desabrocha nos amores e desamores que a sua sensibilidade soube tão bem captar. Triste do amigo que não surpreende. E Nelson mais uma vez me botou no bolso. É Deputado e está Secretário porque quer, pois o poeta e músico Deus fez livremente. Como livres são os seus versos e canções. Valeu.

José Dias Júnior (Produtor Cultural)

A palavra amizade tem infinitos sons. Difícil de ser traduzida, é própria para ser vivida, é construção soberana do tempo. A amizade de Nelson Freire me engrandece e me alimenta. A sua arte me traz orgulho conterrâneo; me surpreende por falar da terra que nos gerou, de amor e desamor, do povo que é potiguar como eu, e da nossa majestosa Natal, com a precisão da maturidade. Essa arte é fruto de

quem se entrega ao ofício da poesia e da música porque conhece seus segredos, e sabe inevitável vive-los. Nelson se torna público porque é íntimo da própria criação. Revela sentimentos comuns às nossas vidas, dá som às palavras que e gostaríamos de dizer, e segue, como de costume, sorrindo para o amanhã.

Heraldo Palmeira (Poeta e Compositor)

Em o Som das Palavras, Nelson Freire reúne as letras de suas composições, todas elas de sua autoria, e essa condição de letrista o faz duplamente privilegiado – duas vezes artista, tanto pela música como pela palavra que emoldura a melodia. Além de sua atuação como político, já se tornou conhecido como compositor, que associa à beleza melódica de suas músicas uma forte sensibilidade de poeta, a explorar os temas do amor, do desamor, da terra, do povo e da sua cidade.

Luís Carlos Guimarães (Poeta)

Parnamirim Field

Parnamirim,
Subir e Descer
De belos pássaros.
Campos de pouso,
Negro asfalto.
Um trampolim.
Parnamirim.
O forró acalentado
No seu berço prateado,
Das asas dos aviões,
Parnamirim Field,
Parnamirim,
For all
Tomorrow, party,
Slack, drink, night club,
Love store, good bye.
Parnamirim Field,
Parnamirim.



Gigolé

Desembuche menina,
Não fique amoadada.
Diga onde perdeu
O seu gigolé.
Você não tem culpa
De ter testa grande.
E isso acontece
Com toda mulher.
Você está triste
E muito acanhada,
Porque não queria
Perdê-lo assim.
Mas seu namorado
Vai logo entender.
Perder o diadema
Não foi tão ruim

Ponta Negra

No meio da areia molhada,
Sozinho de frente pro mar.
As velas dos barcos, tão brancas,
Na praia a onda a quebrar.
A espuma salgada na areia,
O sol já fugindo pro lado de lá.
As ondas, que tão furiosas
Rebentam na praia, querendo ficar.
Numa Ponta Negra qualquer,
Que ficou na lembrança
De quem já passou.
Numa Ponta Negra qualquer,
Que guardou todo encanto
Em quem já amou.

A ficção de um memorialista

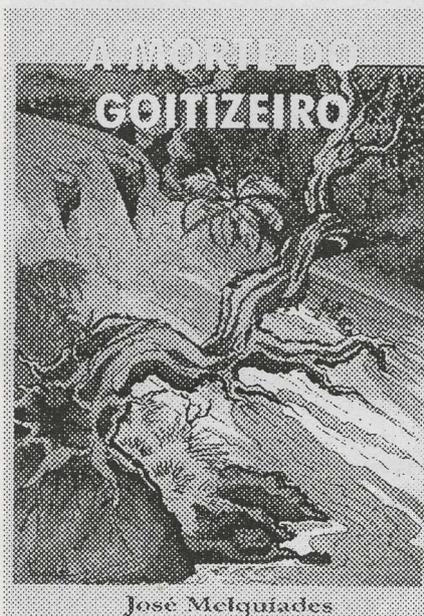
Envaidece-me sobremaneira que a generosidade e o carinho amigo do autor tenham-me julgado digno de dar, por escrito, uma opinião sobre “A Morte do Goitizeiro”.

Opinião que, evidentemente, não pode ser considerada como crítica literária, mas que, sem dúvida, é o resultado de uma leitura atenta, primeiro, e entusiasta depois.

O Rio Grande do Norte é fértil quanto á poesia, no entanto, na prosa, especialmente na ficção, sempre demonstrou-se avaro em reais talentos, salvo algumas exceções (Policarpo Feitosa, Nei Leandro de Castro, sendo que este último destaca-se, também, como grande poeta).

José Melquíades entrega ao nosso estado, à querida Macaíba, na qual temos origem comum, um romance que vem resgatar a ficção potiguar e o faz com a naturalidade das verdadeiras grandes obras, isto é, fugindo da retórica das palavras e da importação acadêmica (apesar de ser destacado membro da Academia Norteriograndense de Letras).

Refiro-me, aqui, àquele estilo literário que faz lembrar Graham Greene e que – alternando a dramaticidade ao ameno, a reflexão de cunho filosófico à ironia, a apropriada citação erudita à narração extraída do cotidiano do povo -, alcança a dimensão da li-



teratura universal.

A escolha verbal é o elemento determinante deste romance.

Estrutura, esqueleto e músculo, medula e nervo de um organismo que constrói sua própria identidade apresentando-se ao leitor como a edificação de partes que se complementam e, harmonicamente, forma uma definitiva unidade. A verdadeira obra de ficção que permanece.

Como nos grandes romances dos séculos XVIII e XIX, o autor esconde-se atrás de um nome fictício, no caso, Manoel Mendonça, que escreve suas memórias. Recurso inteligente e requintado que permite o exercício crítico no âmago da própria obra a qual, lembra, quanto à atmosfera, ao ambiente, às falas, o

melhor José Lins do Rego, aquele de “Menino de Engenho”, “Bangüê” e “Fogo Morto”.

Não escondo um certo sentimento de orgulho ao escrever estes comentários mal alinhavados. Antes de mais nada por ser conterrâneo do autor de “A Morte do Goitizeiro” (portanto por termos partilhado uma Macaíba que vive exclusivamente na memória amorosa), depois por tê-lo tido como professor e, finalmente, por termo-nos tornado irmãos maçons.

O romance, entre tantas virtudes, possui uma qualidade rara.

Apesar de José Melquíades declarar tratar-se de obra de ficção, sem referência intencional a lugares e pessoas, terminou por escrever uma belíssima obra de memorialismo, porque criou lugares e seres vivos, em um Nordeste real e vigoroso, cronologicamente situados como participantes não apenas de uma história, mas da História no sentido filosófico e poético, porque todos os gestos, as palavras, as situações que refletem a verdadeira aventura humana inserem-se, inapelavelmente, na História.

Principalmente, quando os verdadeiros protagonistas dessa aventura, como neste romance, são os sonhos.

Valério Mesquita

COLÉGIO MARISTA DE NATAL

-UNBEC-

100 Anos de tradição

Rua Apodi, 330 - Cidade Alta - Natal/RN - 59020 -
130- fone: (084) 211-5505 - Fax:(084)212-1216-
[@natal-marista.com.br](http://www.natal-marista.com.br-natep)

FARN
AQUI VOCÊ CONSTRÓI O SEU FUTURO.

OS MELHORES CURSOS SUPERIORES ESTÃO AQUI

Administração de Empresas
Ciências Contábeis
Direito
Informática: Bacharelado em Sistemas de Informação
Informática: Licenciatura em Computação (NOVO - o primeiro do Nordeste)
Administração com Habilitação em Marketing

INFORMAÇÕES: 215.2917

CONVÊNIO COM O FIES (CRÉDITO EDUCATIVO)

FARN
FACULDADE NATALENSE PARA DESENVOLVIMENTO DO RIO GRANDE DO NORTE
EDUCAÇÃO EM NÍVEL SUPERIOR
Rua Prof. Eliane Barros, 2000 - Tírd - Natal/RN
Fone/Fax: (84) 211-6688 - www.farn.br

E MAIS. DIFERENCIAIS QUE SÓ A FARN OFERECE:

Ensino superior de excelência
No máximo 50 alunos por sala
A mais completa biblioteca, com acesso à internet
Grande curricular sempre atualizado
Estacionamento com segurança
Campus com ampla área verde
Parque esportivo com piscina olímpica e semi olímpica, ginástica, pista de atletismo e campo de futebol

A “Burra-do-Pade”

Mês de junho, noite fria... Estávamos na sala grande da fazenda ao abrigo do sereno, quando me veio na lembrança uma história do meu tempo de menino: “A BURRA-DO-PADE”, aparição que andava virada na peste, solta no mundo, metendo medo na gente da roça. Pedi então ao Louro, para me falar daquele bicho feroz. E ele me explicou:

- É uma história antiga, contada pelos negros e caboclos do mato. E narrou tudinho assim: “O pade que gosta de muié, quando morre é condenado a tirar uma sentença ditada por Deus. No caso da muié que andava com ele, se vira na burra, o pade sai escanchado nela por esse mundo afora, fazendo presepada de toda sorte. Tem muita gente que já viu esse malassombro e diz como é. Um tio meu, certa vez, foi para uma feira em Parnamirim. Chegou cedinho, fez a sua feirinha e foi tomar umas canas para se entreter. Noite chegando, e lá se vai ele naquela volada em seu cavalinho retornando à São José. Quando chegou num lugar por nome “Passagem dos Cavalos”, escutou um rincho horrível que parecia danação! Foi aí que imaginou: “É a Burra-do-Pade”. Pegou a feirinha depressa e trepou num pé de mangaba que tinha perto assim. Depois subiu em árvore bem alta. De repente, chegaram dois animais com duas pessoas em cima. Eles saltaram e ficaram acolá num can-



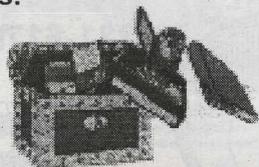
to, enquanto as burras se danaram a dar patadas no pé de pau no qual ele havia subido. Era cada pancada que por pouco, não o derrubou. Tarde da noite, as burras arriaram. Uma para um canto e a outra para o outro. Quando vinha clareando o dia, desceu da árvore e foi pegar a feirinha. Seu cavalinho tinha sumido no mundo com medo, e a carne que comprara já não prestava mais. O pé de pau em que havia trepado, estava todo “pimpinado” dos coices que as burras deram. E a aparição? Sumiu no mundo virada naquela coisa feroz. Uma outra vez, eu vinha de um joguinho de sueca lá no Véio Pagão. Cheguei em casa e fui tomar um banho. Era assim por volta das três da madrugada. Foi aí que escutei aquela tinideira no meio do mundo que vinha lá das bandas de “Bom Jesus”. Chico Carro, que estava queimando uma caieira de tijolo ali na la-

goa, também ouviu. “Que zoada feia! Geralda, vamos puxar para casa”. Só deu tempo deles entrarem em casa para a burra aparecer. E eu no banho escutando aquele reboliço feio, lá na beira da lagoa. Depois, ela mudou de rumo em procura de Salgada... Olhe, quem escuta o rincho dela no meio do mundo, se resguarde! Use o xuxo de ferro ou de Mororó para poder enfrentar. Nas propriedades, se usa sempre uma cruz de cardeiro “mode” ela não entrar, pois se a burra avista a cruz do cardeiro, salta no meio do mundo e não encosta. Outros, preferem o sino de Salomão de sete pernas. É de repetir: “quem não puder usar um xuxo de ferro, use o Mororó, pois há de chegar o tempo em a besta-fera vai andar no mundo. Quando ela chegar perto, catuca com o xuxo de Mororó”.

Newton Lins Bahia

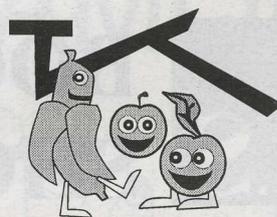
S E B O CATA LIVRO

Compra, venda e troca de livros,
discos, cd's, videos e cassetes
usados.



Matriz na Rua da Conceição, 617,
Filial na Vaz Gondim, 816, Centro-Natal

A Ki - Tanda



A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2703 Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas / Telefax: (84)206-5612

EQUIPE "RIVER PLATE" - NATAL 1942



Em pé: Jeremias Pinheiro, Chico Lamas, Salatiel, João Piolho, Waldemar Araújo, Genar Wanderley, Murilo, Duda, Francisquinho, Joaquim Arnaud e Túlio Seabra. Agachados: Armando de Góis, Dão, Alberto Moura, Rivadavia e Cabral.

Armandinho e o River Plate

No passado distante, inúmeros clubes desportivos amadores de futebol nasceram em Natal, porém, muitos tiveram vida efêmera.

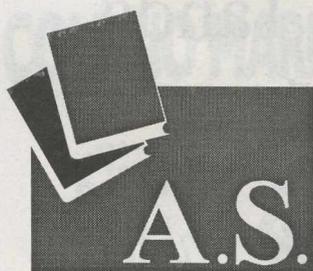
Tudo girava em torno de uma bola de couro costurada, com câmara de ar/pito, que eram trazidas de Londres (Inglaterra), a princípio (set/1903), em malas dos filhos de Fabrício Gomes Pedroza – Fernando, Fabrício, Raul e Ramiro, que ali estudavam, e depois por outros jovens potiguares

que também estudavam no exterior. Furou a bola, acabou o clube.

Eram rapazes de Natal, cheios de ardor, que se uniam imbuídos por um ideal comum e fundavam o clube de futebol de sua cidade, de seu bairro, de sua rua, do seu colégio, por seu partido político, por patriotismo, enfim, pela afeição ao seu ídolo do cinema, como foi o caso do Valentino Futebol Clube (na década/30), lembrando Rodolfo Valentino, aque-

le grande astro do cinema americano, símbolo do machismo da época.

Foram estes os jovens estudantes, comerciários, bancários e funcionários públicos, dentre outros pioneiros que fundaram em Natal os primeiros clubes de futebol: os familiares de Fabrício Pedroza Filho que convocavam pela imprensa “distintos moços de nossa sociedade” para um bate-bola do Sport Club Natalense/1903; Alberto Roselli, Jayme G.



**BOOK
SHOP**

**Av. Salgado Filho, 2850 - Lj 05
Lagoa Nova - CEP 59063-100
Natal/RN - Fone: 206-9099**

RECUPERE OU ADIANTE SEUS ESTUDOS

MATRÍCULAS ABERTAS PARA O 2º SEMESTRE



221-6170 / 222-0992

**SUPLETIVO
DINÂMICO**

Rua José de Alencar, 8180 - Centro

dos Wanderley, Júlio Meira e Sá, Áureo Paiva, Silvino Dantas (o Natal, o I); Álvaro China, Oswaldo Leite e Paulo de Castro (o Potiguar); Cincinato Chaves e Áureo Paiva (o PRC – Partido Republicano Conservador); Ponciano Barbosa, José Tavares da Silva e Café Filho (o Morte Esporte Clube, do velho Atheneu); Waldemar de Almeida e Heráclio Fernandes, o Tolaco (o Team Negro); Lauro Freire (o Curupaythy); Gil Soares de Araújo, Adamastor Pinto, Djalma e Milton Marinho (o Valentino); Paulo Barros de Góis, Lourival Barros e Arquibaldo Oliveira (o Natal, o II).

Outros clubes alternativos, foram também fundados em Natal, bem mais modestos, sem estatutos, sem uma organização maior e tinham como finalidade, promover jogos amistosos de confraternização na capital e interior do Estado, e o principal, no final da excursão, a delegação, após o futebol, participar do baile, à noite, na residência do Prefeito Municipal, que era uma norma geral.

Tivemos ainda clubes modestíssimos que, quando sua bola estourava, recorriam à antiga Matança de Natal, imediações da Força e Luz, no Baldo, para aquisição de uma bexiga de boi, precaríssima.

Dentro deste panorama histórico, porém, bem mais moderniza-



O “Formidável” Armandinho de Góis

do, foi o surgimento em Natal, no primeiro semestre/40, do River Plate Futebol Clube, associação de futebol de jovens estudantes, comandados por Alberto Moura, “o dono do time” e fundador em sua residência que, inflamados de paixão e desportividade, resolveram fundar aquela simpática agremiação, lembrando o grande campeão de futebol da Argentina, que possuía uma equipe quase embatível e constituída de atletas realmente famosos – Moreno, Peucelle, Sastre, Pedernera, Garcia, Alarcon, Labruna, Salomon, Valussi, Leguizamon, dentre outros dos seus fantásticos jogadores de futebol.

O novel clube tinha que possuir alguma semelhança nas

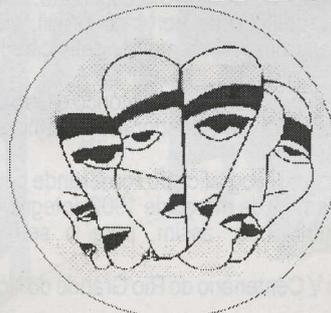
vestimentas, os atletas procuravam “lembrar” aqueles jogadores do país irmão, e o que era ainda mais notável, “tentavam” imitar em campo o estilo de cada atleta argentino – a ginga em cada jogada, a malícia, a finta, como era o caso do grande remador do glorioso Centro Náutico Potengi, o filósofo e “excelente” ponteiro dos nossos clubes alternativos, principalmente do River Plate, o saudoso, Armandinho de Góis, figura estimada por todos, que nos dizia com frequência – “naquele jogo contra o Carneirinho de Ouro, no campo do Aero Clube/RN, em Tirol, recebi a pelota lá de traz, enviada por Waldemar Araújo pela ponta direita, matei no bico da chuteira com categoria, deixei a bola deslizar pelo grama, e em “driblings” curtos, passei pelo primeiro adversário, pelo segundo, e disparei até a linha de fundo, e aí surgiu o “Y”, com classe admirável, dei um centro de meia virada, suave e na conta, o suficiente para Alberto Moura marcar o gol, que seria o da vitória. Depois daquele lance sensacional, fui à loucura, eufórico, retornei ao centro do grama, sob os aplausos daquela “meia dúzia de doidos” que ali estavam, momento em que relembrei o genial ponta direita do River Plate, Peucelle, o meu grande ídolo”.

Luiz G. M. Bezerra

Valério
Mesquita

Deputado Estadual, Advogado, Escritor e
Membro da Academia Norte-Riograndense de Letras

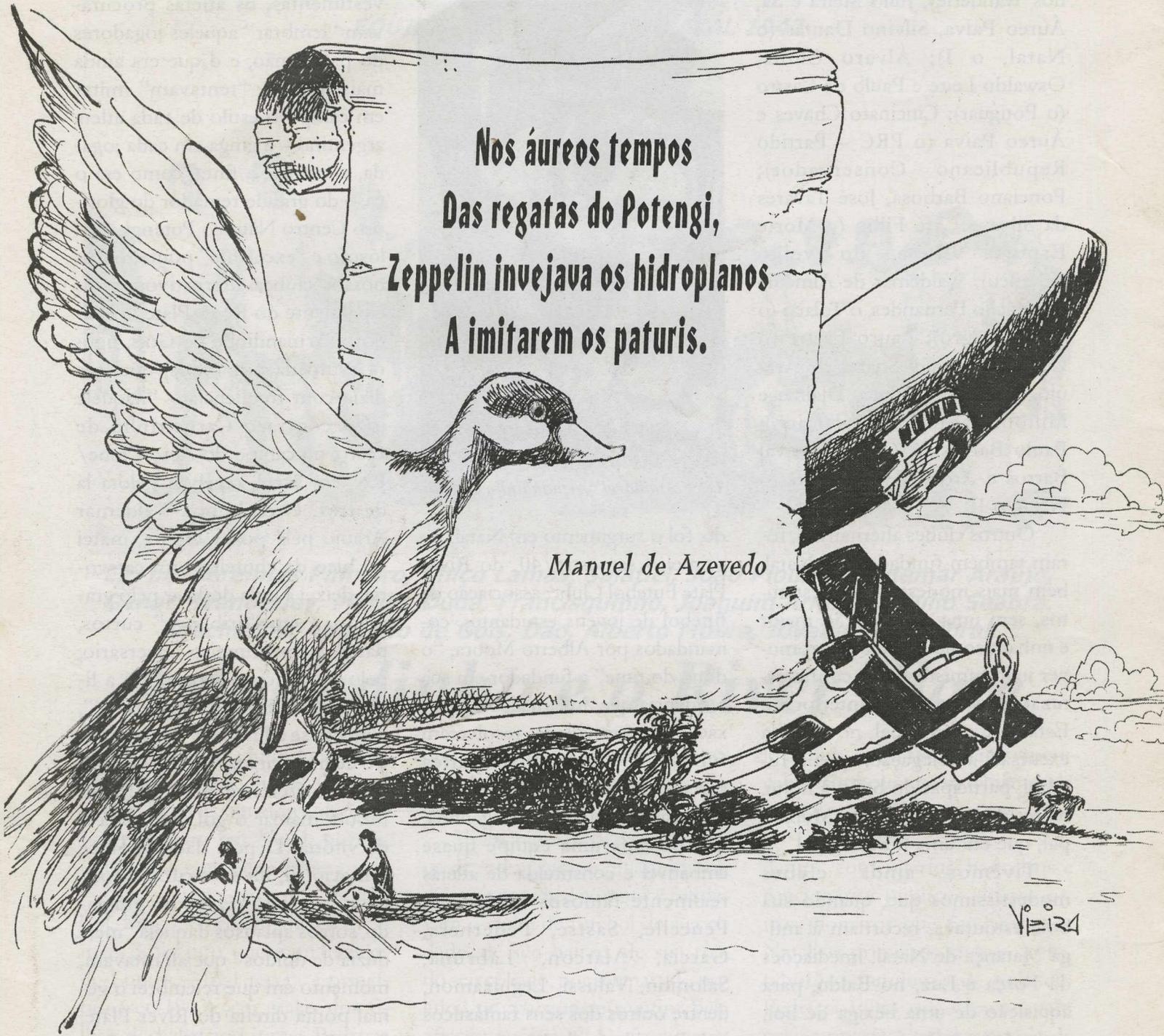
Sebo
AMORIM



Vende-Compra-
Troca de Cd's -Livros-
Revistas

Rua Ulisses Caldas, 94
Centro- Natal/RN
Fone: 221-3717/987-8551

Rondó alla vouó



Manuel de Azevedo

III Encontro Regional de Institutos Históricos

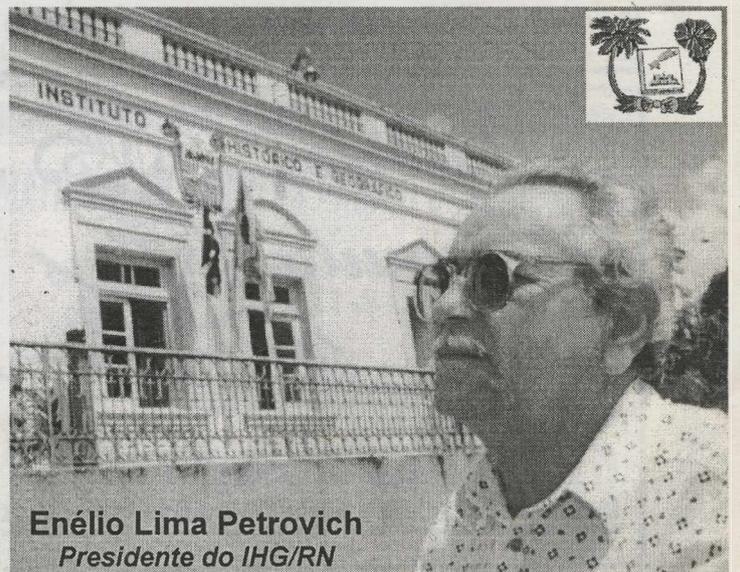
Em continuidade às iniciativas programadas, a partir do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (dias 25 e 26 de novembro de 2000 - João Pessoa-PB, e, em seguida, do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, nos dias 06, 07 e 08 do mês de abril findo - Maceió-AL, o III Encontro Regional de Institutos Históricos realiza-se, de 10 a 12 de agosto deste ano de 2001, na cidade do Natal, berço de Câmara Cascudo e de outros luminares da cultura, com os mesmos fins de estabelecer o intercâmbio profícuo e amplo, mais efetivo e constante, entre as entidades congêneres, sobretudo do nordeste e do norte do Brasil, visando sempre a importância da história e da geografia e uma melhor definição de seu papel, na atual conjuntura brasileira.

O III Encontro recebe o apoio e o prestígio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, através de seu presidente, professor e historiador Arno Wehling, e do Governador do Estado, Dr. Garibaldi Alves Filho.

Dai, o quase secular Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte - a Casa da Memória Potiguar - fundado em 29 de março de 1902, integrar-se às promoções valiosas e oportunas, contribuindo, assim, para o seu maior brilhantismo, em dimensões nacionais.

Comemora-se, neste ano de 2001, o V Centenário do Rio Grande do Norte.

Natal-RN, 30 de julho de 2001



Enélio Lima Petrovich
Presidente do IHG/RN